



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS HABILITAÇÃO LÍNGUA PORTUGUESA**

**LEONNILSA DE LIMA OLIVEIRA**

**A RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA NO CONTO “O TAPETE VOADOR”, DE  
CRISTIANE SOBRAL**

**GUARABIRA-PB / 2021**

LEONNILSA DE LIMA OLIVEIRA

**A RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA NO CONTO “O TAPETE VOADOR”, DE  
CRISTIANE SOBRAL**

Artigo apresentado como trabalho de Conclusão de Curso ao departamento de Letras, como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Área de concentração Literatura afro-brasileira e sociedade  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Suely da Costa

**GUARABIRA-PB / 2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48r Oliveira, Leonnisa de Lima.  
A resistência da mulher negra no conto "O Tapete Voador",  
de Cristiane Sobral [manuscrito] / Leonnisa de Lima Oliveira. -  
2021.  
30 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras  
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Humanidades, 2021.  
"Orientação : Profa. Dra. Maria Suely da Costa ,  
Departamento de Letras - CH."  
1. Literatura feminina. 2. Resistência. 3. Identidade negra.  
I. Título  
21. ed. CDD 398.2

LEONNILSA DE LIMA OLIVEIRA

**A RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA NO CONTO “O TAPETE VOADOR”,  
DE CRISTIANE SOBRAL**

Trabalho apresentado á Coordenação do  
Curso de Licenciatura em Letras, da  
Universidade Estadual da Paraíba –  
UEPB, como requisito para a obtenção do  
Grau de Licenciatura em Letras.

Área de concentração: Ensino  
Língua e Literaturas portuguesas.

Aprovada em: 29/09/2021.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Profa. Dra. Maria Suely da Costa (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Esp. André Luiz Souza Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Profa. Me. Felipe Pereira da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI/UEPB)

Ao meu pai, e minha mãe pela dedicação,  
companheirismo e amizade. DEDICO.

Quando o presidente puxou seu tapete,  
Bárbara aprendeu a voar.

(SOBRAL, 2016, P. 12).

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	9
2. LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E O PROTAGONISMO NEGRO NAS DIMENÇÕES DE PERSONAGEM E AUTORIA .....	10
3. IDENTIDADE: CONHECIMENTO QUE LEVA RESISTÊNCIA .....	15
4. RESISTÊNCIA, BRANQUEAMENTO E NEGRITUDE.....	17
5. RESISTÊNCIA AO BRANQUEAMENTO E A AFIRMAÇÃO DA NEGRITUDE NO CONTO “O TAPETE VOADOR” .....	21
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	25
7. REFERÊNCIAS .....	26

## **A RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA REPRESENTADA NO CONTO “O TAPETE VOADOR”, DE CRISTIANE SOBRAL**

Leonnilsa de Lima Oliveira<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este artigo tem por objetivo analisar a representação da resistência da mulher negra perante as tentativas de branqueamento, verificando como os aspectos da ancestralidade e da negritude são pautados para o reconhecimento de uma identidade racial, no sentido da autoafirmação e valorização da etnia. Tem como objeto de estudo o conto “O tapete voador” de Cristiane Sobral. Esta leitura de natureza analítica fundamenta-se nos estudos de Bosi (1996), Gomes (2002), Domingues (2002), Evaristo (2005), Hall (2005), Duarte (2008), Candido (2011), Sousa (2014), entre outros. Diante do exposto, a obra de Cristiane Sobral se inscreve como uma relevante fonte de leitura e inspiração para as pessoas negras, como também para as não negras, no sentido que possam entender a diversidade étnico-racial, desconstruindo o racismo e práticas preconceituosas. Conclui-se que ao se permitir não sucumbir aos padrões impostos por uma sociedade branca, carregada de preconceitos, a protagonista traz uma importante contribuição para a valorização de suas raízes. Em função disso, ela não aceita ser negada, demonstra ter consciência de si, da sua afirmação cultural, moral, física e intelectual.

**Palavras-chave:** Literatura feminina. Resistência. Identidade Negra.

### **ABSTRACT**

#### **THE RESISTANCE OF THE BLACK WOMEN REPRESENTED IN THE TALE “O CARPETE VOADOR”, BY CRISTIANE SOBRAL**

This article aims to analyze the representation of black women's resistance to whitening attempts, verifying how aspects of ancestry and blackness are guided by the recognition of a racial identity, in the sense of self-assertion and valorization of ethnicity. Its object of study is the short story “The Flying Carpet” by Cristiane Sobral. This analytical reading is based on studies by Bosi (1996), Gomes (2002), Domingues (2002), Evaristo (2005), Hall (2005), Duarte (2008), Candido (2011), Sousa (2014), between others. Given the above, Cristiane Sobral's work is a relevant source of reading and inspiration for black people, as well as for non-black people, in the sense that they can understand ethnic-racial diversity, deconstructing racism and prejudiced practices. It is concluded that by allowing herself not to succumb to the standards imposed by a white society, full of prejudices, the protagonist makes an important contribution to the appreciation of her roots. As a result, she does not accept being denied, she demonstrates to be aware of herself, of her cultural, moral, physical and intellectual affirmation.

**Keywords:** female literature. Resistance. Black Identity

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Licenciatura de Letras Português/UEPB, e-mail: [Leonnilsa.oliveira@aluno.uepb.edu.br](mailto:Leonnilsa.oliveira@aluno.uepb.edu.br)

## 1. INTRODUÇÃO

Por séculos, a história dá conta de que coube às mulheres apenas a submissão e o zelo para com a vida dos filhos e marido. A mulher era um ser educado de forma exclusiva para os afazeres domésticos, com seus desejos totalmente reprimidos; não frequentava certos ambientes por estarem direcionados para os homens, a exemplo do mercado de trabalho. Se a sociedade sempre foi um ambiente hostil para as mulheres, quanto à negação dos direitos humanos e civis, estando estas vinculadas à questão étnico-racial, outras formas de negação, como preconceito e racismo, somatizaram ainda mais a exclusão das mulheres e negras.

Essa representação da mulher na sociedade também tem sido motivo temático na literatura. Seja para confirmar uma representação da submissão face à um sistema patriarcal, conforme encontrado nas muitas obras literárias do contexto brasileiro do século XVIII e XIX, seja para mostrar de uma forma crítica e, até dentro de uma outra perspectiva, a mulher em sua condição de sujeito, reivindicando espaço e voz, em obras literárias do século XX e XXI.

No contexto contemporâneo, muitas são as possibilidades de representação da mulher. Neste estudo, o interesse está na representação da mulher negra. Para tanto, o objetivo é analisar a representação da resistência da mulher negra perante as tentativas de branqueamento, verificando como os aspectos da ancestralidade e da negritude são pautados para o reconhecimento de uma identidade racial, no sentido da autoafirmação e valorização da etnia.

A narrativa, objeto deste estudo, é o conto “O tapete voador” que intitula o livro composto por dezenove contos, da escritora contemporânea Cristiane Sobral, publicado em 2016. O referido conto traz a narrativa de uma personagem feminina de nome Bárbara, uma mulher negra que trabalha em uma grande empresa e, por ser dedicada, tem um grande prestígio perante a equipe. Certo dia, empolgada para começar uma pós-graduação, resolve escrever pedindo o apoio da empresa. Enquanto esperava, olha para sua imagem refletida e vê o quanto é vaidosa e se sente bem com seu cabelo afro, o qual lhe dava muitas possibilidades de penteados, gostava de usar turbantes, tranças e presilhas.

Como base nessa narrativa, justificamos esta pesquisa como uma oportunidade de discutir a respeito da representação e da resistência da mulher

negra perante um sistema opressor que tenta moldá-la com um discurso totalmente preconceituoso e negacionista. E, assim, proporcionar a reflexão a cerca da importância da autovalorização, autoafirmação, e conhecimento acerca da identidade.

Em termos metodológicos, este é um estudo de cunho analítico. Para tanto, utilizamos dos apontamentos teóricos de Bosi (1996), Gomes (2002), Domingues (2002), Evaristo (2005), Hall (2005), Duarte (2008), Candido (2011), Sousa (2014), entre outros. Além dessa parte introdutória, este artigo está estruturado nos seguintes pontos: inicialmente, discutimos sobre a Literatura afro-brasileira e o protagonismo negro nas dimensões de personagem e autoria. Em seguida, apontaremos sobre identidade: conhecimento que leva a resistência. Logo após, discutiremos brevemente sobre resistência, branqueamento e negritude. No ponto seguinte, focaremos na leitura e apontamentos da obra em análise, através da narrativa evidenciando essas questões como a resistência ao branqueamento e a afirmação da negritude. Por último, expomos algumas considerações ao estudo e as referências usadas.

## **2. LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E O PROTAGONISMO NEGRO NAS DIMENÇÕES DE PERSONAGEM E AUTORIA**

Para o crítico Antonio Candido (2011), a literatura e a arte estão ligadas a um dos direitos básicos que devem ser acessíveis a todo ser humano. “São bens incompressíveis não apenas os que asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual”. (CANDIDO, 2011, p.176). Assim sendo, a literatura está indicada como um dos itens indispensáveis, junto à saúde, moradia, educação, lazer, entre outros aspectos que devem fazer parte da vida de uma pessoa. A esse respeito, Antonio Candido exemplifica da seguinte maneira:

A literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. [...] As produções literárias, de todos os tipos e todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que enriquece a nossa percepção e a nossa visão do mundo. [...] A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 2011, p. 176, 181,182).

Para tanto, Candido (1989) também nos alerta para o fato de que no Brasil a literatura teve sua explanação de cultura sob a ótica colonial, seguido por colonizadores europeizados, que usaram por vezes de atos agressivos para forçar seus princípios. As obras literárias surgidas nesse contexto não escapam ao tratamento marginalizador sobre o negro. Proença Filho (2004), discorrendo sobre a trajetória do negro na literatura brasileira, afirma evidenciarem-se, na sua trajetória no discurso literário nacional, dois posicionamentos: a condição negra como objeto, numa visão distanciada, e o negro como sujeito, numa atitude compromissada.

Dentro do contexto de produção literária nacional, a literatura afro-brasileira nasce por uma necessidade de visibilizar o negro dentro da história de forma positiva, já que a chamada literatura convencional o trazia em sua maior parte das vezes como um personagem pertencente a uma classe inferior. Apesar de diversos registros, “muitos na academia ainda indagam se a literatura afro-brasileira realmente existe – e assinalemos aqui até mesmo a perversidade de uma pergunta que às vezes não deseja ouvir resposta” (DUARTE, 2008, P. 11). Mesmo com tantas obras consagradas e espalhadas por vários lugares, há quem queira tirar a credibilidade desses autores, cuja produção literária revela o seu valor estético.

Ainda a esse respeito, Duarte (2008, p. 11) salienta que:

Ela tanto é contemporânea, quanto se estende a Domingos Caldas Barbosa, em pleno século XVIII; tanto é realizada nos grandes centros, com dezenas de poetas e ficcionistas, quanto se espraia pelas literaturas regionais, a nos revelar, por exemplo, uma Maria Firmina dos Reis escrevendo, em São Luiz do Maranhão, o primeiro romance afrodescendente da língua portuguesa – *Úrsula* – no mesmo ano de 1859 em que Luiz Gama publica suas Trovas *burlescas*... Enfim, essa literatura não só existe como se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo; não só existe como é múltipla e diversa.

Nesse sentido, Duarte (2013, p. 147) afirma que nos arquivos da literatura brasileira construídos pelos manuais canônicos, “[...] o negro está presente muito mais como tema do que como voz autoral. [...] vislumbra-se no passado histórico de escravização e preconceito motivos para esta redução a objeto da escrita alheia”. Assim, o preto era trazido dentro da literatura sob a ótica do branco e este, por sua vez, o colocava em uma situação de marginalização, voltado para o erotismo, onde os corpos não são um sujeito da história, mas um objeto.

Na direção dessa discussão, mostra-se relevante dialogar com os estudos de Luiza Lobo (2007), especialmente quando a autora conceitua a literatura afro-brasileira. Vejamos:

Poderíamos definir literatura afro-brasileira como a produção literária de afrodescendentes que se assumem ideologicamente como tal, utilizando um sujeito de enunciação próprio. Portanto, ela se distinguiria de imediato, da produção literária de autores brancos a respeito do negro, seja enquanto objeto, seja enquanto tema ou personagem estereotipado. (LOBO, 2007, p. 315).

O entendimento era que havia a necessidade de uma literatura onde o negro fosse retratado ocupando um lugar de sujeito colaborador da história, e não apenas um objeto retratado de qualquer forma, sem a visibilidade humana adequada. É mediante muita luta que o negro é retirado da posição estereotipada e passa a ter voz dentro dos espaços sociais, isto se deve as buscas e conquistas por reconhecimento.

De acordo com Proença Filho (2004, p. 166), “o negro ou o mestiço de negro erotizado, sensualíssimo, objeto sexual, é uma presença que vem desde a Rita Baiana, de *O Cortiço*”. Nesse contexto, a mulher negra personagem era, por diversas vezes, representada dentro da literatura como um ser objetificado, com uma exposição exagerada de seu corpo, sendo apresentada como uma mulher sofrida, conformada, submissa e negada em seus direitos.

Essa visão estereotipada, que por muito tempo figurou a presença feminina negra como personagem de textos literários de autoria predominantemente branca, com o passar do tempo, em função de lutas por reconhecimento e valorização da etnia negra, vem mudando e tomando outro direcionamento. Conforme apontam Costa e Guimarães (2020, p. 7), “a mulher negra sempre teve sobre o seu corpo o estereótipo da sexualização [...]. No entanto, essa visão de mundo está sendo superada pela literatura contemporânea, principalmente com os livros escritos por afrodescendentes”. Isso se deve ao exercício autoral no qual o protagonismo negro se faz presente; a mulher passa a ser retratada sob um contexto de empoderamento e atuante, de forma positiva, dentro de uma sociedade. Podemos dizer que é uma expressão estética literária que não somente dá voz ao negro, como também subverte o ponto de vista dessa representação focada na valorização identitária.

Veamos sobre a personagem Bárbara, protagonista na trama do conto “O Tapete Voador”. Neste conto, a figura feminina é representada por uma mulher negra que tem o sonho de ascender profissionalmente. O conto é ambientado dentro de um espaço corporativo. Dentro desse contexto, a personagem feminina representa uma jovem que tem uma formação e trabalha para uma grande empresa multinacional, tem conhecimentos e sabe de suas origens. É uma jovem bem

resolvida e consciente de suas escolhas. “Bárbara tem a voz que em outrora as mulheres negras não tinham, ela resiste contra o poder enquanto dominação do outro, não aceita as imposições e interdições sobre os seu corpo” (PINHEIRO JÚNIOR; SIMÕES; OLIVEIRA, 2017, p. 151). Essa personagem se encontra em uma condição na qual tem o direito de falar. E, diferente de outras mulheres negras do passado, ela resiste ao poder de um sistema opressor tenta impor sobre seu corpo e não aceita as restrições que lhe são impostas, faz planos de estudar, crescer na carreira, se impõe quando necessário e conhece a valorização de sua cultura.

Do ponto de vista autoral, é possível verificar que Cristiane Sobral representa juntamente a tantas outras escritoras femininas da literatura afro-brasileira, a conquista de espaço, pois, como bem mostra a história, este também foi um ambiente dominado pelo gênero masculino. Nesse sentido, Conceição Evaristo (2005, p. 54) pontua que:

Se há uma literatura que nos inviabiliza ou nos ficciona a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura. Assenhorando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de autorrepresentação. Criam, então, uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se torna o lugar da vida.

Portanto, dentro da literatura afro-brasileira, o negro escritor ganha voz e passa a escrever sobre si e seus antepassados. Com efeito, “é outro o lugar do negro na literatura de autoria negra [...] toma-se como premissa o reconhecimento da existência de um segmento específico – afro-identificado – presente em nossa produção literária” (DUARTE, 2013, p. 148). Fazendo uso de sua visão de e sobre o mundo, o autor afro-brasileiro posiciona o negro como protagonista de sua história, permitindo-lhe um lugar que sempre fora negado.

Quanto à produção literária feminina, para Souza (2014, p. 02), “a conquista realizada pelas mulheres no campo da escrita é fruto de um longo processo de lutas e reivindicações contra um silenciamento causado por uma sociedade patriarcal”. Quanto maior for à visibilidade para a escrita feminina, em especial aqui a negra,

mais as teremos ocupando posições de destaque, tais quais por muito tempo lhes foram negadas. A esse respeito, Souza (2014. p. 02) pontua:

Para a mulher negra esse problema do poder de fala, de escrita é ainda maior, pois além da opressão de gênero, o fator racial contribui para que se agrave seu processo de marginalização. [...] É perceptível à invisibilidade de escritoras negras em nossa literatura, uma vez que ficou relegada a estas a marginalização e o esquecimento por parte de nosso cânone literário. Em um processo de subalternização realizado por um sistema social hegemônico, elitista e excludente, a produção de escritoras negras ficou relegada ao silenciamento. [...] Torna-se importante dar visibilidade à escrita feminina negra, que por muito tempo foi apagada, e nessa linha, evidenciar suas contribuições nas discussões de questões como feminismo, gênero, raça, literatura, entre outras.

O apoderamento das obras literárias pelas mulheres negras é uma base para o processo de reflexão, a cerca, de suas batalhas, histórias, maneiras de resistências, entre outros. Por muito tempo, o silêncio fez parte da vida dessas mulheres, não podendo se expressar diante do contexto de exclusão. Contudo, aos poucos, uma vez surgido os espaços de acesso aos meios de publicação, a escritora negra vai conquistando a visibilidade merecida. Segundo Farias (2021, p. 01), “o racismo atrelado às dificuldades de reconhecimento é um dos problemas enfrentados pelas mulheres negras no cenário da escrita, tornando o acesso à literatura ainda escasso”.

Ao trazer sua luta em forma de ficção, a escritora negra abre espaço para a reflexão, pois se percebe que o que está no papel é algo que acontece diariamente em seu cotidiano. Assim, é por um meio ficcional que se tem o acesso às temáticas do mundo social, trazidas nas narrativas, muitas das vezes, como fato vivenciado, sentidos e combatidos pelas mulheres negras. Com efeito, “o exame de obras da literatura de autoria feminina permite que a crítica literária legitime a existência das mulheres escritoras como sujeitos históricos, reforçando sua identidade social” (JACOME; PAGOTO, 2009, p. 10). Tem-se, pois, em nossa literatura, escritoras negras falando a respeito de mulheres negras na ficção, contexto no qual a realidade também se faz presente.

Quanto à escritora do conto objeto deste estudo, Oliveira (2009, p. 328) afirma: “Cristiane Sobral marca a terra com suas pegadas, demarca seu território, exalando cor, poesia, luta, sensibilidade e ousadia”. A autora em questão é atriz, poeta, diretora e professora de teatro. No ano de 2000 escreveu para *Cadernos Negros*, fato tornou a sua escrita conhecida. Em 2016, escreve o seu primeiro livro

de contos: “o tapete voador”. Ainda a respeito da colaboração de Sobral dentro da literatura, Oliveira (2009, p. 330-331) salienta que:

Os poemas de Sobral transgridem as representações estereotipadas, privilegiando a beleza, a cultura e a intelectualidade das mulheres negras. A escrita de Sobral apresenta-se investida, sobretudo, de compromisso social, tratando de assuntos concernentes à mulher negra e ao preconceito com o negro, refletindo uma preocupação com a construção de uma identidade negra autêntica e sem máscaras.

A escritora Cristiane Sobral conquistou seu espaço, dentro da literatura afro-brasileira, com uma escrita de valorização de uma identidade negra relacionada com temáticas voltadas para o cotidiano pelo viés do comprometimento social.

### **3. IDENTIDADE: CONHECIMENTO QUE LEVA RESISTÊNCIA**

Pesquisadores como Hall (2005) pontuam que o conceito de identidade é algo bastante complexo, pois está em constante processo de construção e desconstrução. O Brasil tem uma identidade multicultural, resultante da união de diferentes povos. Em seu estudo, Hall (2005) discorre sobre identidade através de três perspectivas: sujeito iluminista, sujeito sociólogo e sujeito pós-moderno:

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior [...]. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa. [...] concepção muito “individualista” do sujeito e de sua identidade. Sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas” importantes para “ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitavam. [...] concepção “interativa” da identidade do eu. O sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel” formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (HALL, 2005, p. 10, 11)

Assim sendo, podemos identificar a concepção pós-moderna diretamente relacionada ao nosso mundo atual, já que vivemos em constante mudança, com uma grande diversidade de povos e culturas diferentes. Essas novas identidades tenderão por dissipar as opiniões das pessoas sobre o sujeito unificado.

Nesse sentido, os afrodescendentes buscam referências do passado para reiterar uma identidade que lhes foi negada, esforçando-se por um espaço onde essa identidade possa ser multiplicada. Nesse cenário, temos a memória definida

como “capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes registros (sonoros, imagéticos, textuais etc.)” (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2009, p. 219). Tais recursos ajudam na conservação do conhecimento e sua transferência. O compartilhamento de histórias e vivências contribui para o autoconhecimento da nova geração, lhes proporcionando uma vasta valorização de si e de seus antepassados através de memórias guardadas.

A identidade negra se baseia em resistir a todo e qualquer ato de discriminação. A esse respeito, Mizael e Gonçalves (2015, p. 04) apontam que:

É necessário que se construa a identidade na diferença. E na cultura negra, essas diferenças se revelam na história, através da ancestralidade e de suas tradições, que vão sendo traduzidas, ressignificadas. A identidade negra se constrói na resistência do povo negro contra toda e qualquer forma de discriminação racial, que acaba por criar produtos culturais, como a música, o rap (ritmo e poesia), o qual vai se modificando e cantando o novo contexto, consciente desse pertencimento racial.

Em função disso, é preciso a conscientização através de ações que possam contemplar e fortalecer o conhecimento e reconhecimento da importância dessa identidade. É por meio deste acesso que se inicia um processo para vencer essa dissociação que tende a privilegiar a cultura branca em detrimento da negra, fazendo com que a discriminação racial se manifeste, ainda que, às vezes, disfarçadamente.

É essencial, assim, que se pense em meios que possam contribuir para a construção da identidade negra em seus aspectos de valorização. Uma das ações nesse viés pode se dar pelo estudo da literatura africana e afro-brasileira posto como indispensável em todos os níveis de ensino. Mizael e Gonçalves (2015, p. 18) apontam que:

[...] Existem vários movimentos negros que procuram colocar em destaque sua cultura, sua estética e história, de maneira a resistir a essa discriminação racial [...] faz-se necessário à produção/utilização de material didático que aborde a temática numa perspectiva descolonizadora e antirracista.

Isso porque conhecer a história dos antepassados possibilita na construção identitária do sujeito, uma vez que este conhecimento possibilita na luta e defesa de seus ideais perante a sociedade.

Uma pesquisa apresentada por (VIANA, 2020) trás uma proposta de letramento literário desenvolvida com crianças e adolescentes da rede pública de ensino, ela fala sobre a escola ser um espaço de reflexão e propício para este tipo

de intervenção. Para tal foi escolhida a obra de Cidinha da Silva “*Os Nove Pentes D’África*”. A ideia era provocar nos alunos a reflexão sobre as relações étnico-raciais e contribuir para o respeito à diversidade. Os resultados foram positivos e teve um excelente retorno, as crianças e adolescentes contribuíram e se mostraram solícitos ao que foi proposto.

Gomes (2002, p. 39) observa que “nenhuma identidade é construída no isolamento. [...] Entendo a identidade negra como uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e de diálogos”. Nesse sentido, a compreensão é de que a identidade é desenvolvida em conformidade com o outro através do convívio. Gomes (2002, p. 39-40) destaca que:

O olhar lançado sobre o negro e sua cultura, [...] tanto pode valorizar identidades e diferenças quanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las. Sendo entendida como um processo contínuo, construído pelos negros e negras nos vários espaços – institucionais ou não – nos quais circulam, podemos concluir que a identidade negra também é construída durante a trajetória escolar desses sujeitos. [...] Muitas vezes esses olhares choca-se com a sua própria visão e experiência da negritude. Estamos no complexo campo das identidades e das alteridades, das semelhanças e diferenças e, sobretudo, das diversas maneiras como estas são tratadas.

Portanto, entende-se que os muitos espaços frequentados pelo indivíduo contribuem na construção de sua identidade, e esta, será positiva ou negativa em conformidade ao que lhes será apresentado, vivenciado e discutido.

#### **4. RESISTÊNCIA, BRANQUEAMENTO E NEGRITUDE**

Em seu estudo, Bosi (1996, p. 11) diz que “resistência é um conceito originariamente ético, e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia”. Esse é um processo que pode ir se formando dentro do outro no decorrer do tempo, através de vivências e ensinamentos.

Quanto ao conceito de resistência, as autoras Meneghel, Farina e Ramão, (2005, p. 570) pontuam que:

Resistência é a capacidade que os grupos oprimidos ou as minorias descobrem de operar com a visão dual e que lhes permite transitar entre os valores da cultura dominante e os da sua própria cultura. Resistência e empoderamento são modos de enfrentar os sistemas de dominação/exploração baseados em gênero, raça e classe social.

A partir dessa posição, entendemos que a resistência é uma maneira encontrada por aqueles que foram e são subestimados perante a sociedade como uma forma para enfrentar um sistema que tenta os oprimir e mantê-los subalternos. Quanto à figura feminina, Miranda (2019, P. 85) assinala que, “embora seja um objeto social que sofre a opressão patriarcalista, a mulher também é agente de resistência, seja por meio da luta ou da subversão”. A mulher não aceita mais ser silenciada, pois a mesma tem voz, opinião, e quer que os seus direitos sejam aceitos e respeitados<sup>2</sup>. Neste estudo, tem-se na representação da resistência através da personagem feminina que rejeita as tentativas de branqueamento ou clareamento racial.

Houve um tempo no Brasil, final do século XIX e início do século XX, em que foi inserida a ideologia do branqueamento. Após a abolição, surgiram no país teorias científicas influenciadas por pensamentos - “positivista”, “evolucionista”, e “determinista”, cujas teorias diziam que futuramente no Brasil toda a população seria branca, uma vez que os idealizadores destas ideias acreditavam que a raça negra iria avançar culturalmente e geneticamente até desaparecer totalmente. Fato é que “o branqueamento é uma das modalidades do racismo à brasileira. No pós-abolição, esse fenômeno era retratado como um processo irreversível no país” (DOMINGUES, 2002, p. 566). Acreditava-se que, para um país ser progressista, obrigatoriamente necessitaria ser branco. Uma dessas teorias era o Darwinismo que defendia a superioridade de uma determinada raça, no caso o branco era superior.

Segundo Torres (2008), sob a ótica do racismo apoiado na ciência, biologicamente se tinha como raça superior a de cor branca, sendo as outras, vistas, de forma inferiorizada, um defeito. Em um de seus vídeos publicado na plataforma digital youtube, a historiadora Schwarcz (2020)<sup>3</sup>, expõe que “muitas vezes os estereótipos e preconceitos atuam de maneira pretensamente invisível, isto é, mostram, mas também não mostram a sua realidade”. Fato é que a discriminação racial ainda é algo extremamente presente em nossa sociedade e produz efeitos.

De acordo com Bernardino (2002, p. 253), “arquitetou-se no Brasil o ideal do branqueamento como uma política nacional de promoção da imigração europeia que

---

<sup>2</sup> Sugiro para um maior aprofundamento sobre a temática do feminismo a leitura de “O Feminismo, Ainda”. Disponível em: <<https://openaccess.blucher.com.br/article-details/o-feminismo-ainda-19667>>. Acesso em: 02/10/2021

<sup>3</sup> Discussão com o tema “A entrada das teorias raciais no Brasil”. Disponível em: <<https://youtu.be/93f7nkbD7tY>>. Acesso em: 30/07/2021

visava suprir a escassez de mão-de-obra resultante da Abolição e modernizar o país através da atração de mão-de-obra europeia”. O Brasil abriu as portas para os imigrantes europeus, proporcionando-lhes trabalho e moradia, assim, acreditava-se que com o decorrer do tempo os negros não mais existiriam.

A respeito do processo de branqueamento, Glória Cá (2018, p.07) pontua que:

As teorias de embranquecimento tiveram início nas últimas décadas de século XIX e início do século XX (1870-1930) que reforçaram a estruturação da sociedade brasileira marcada por longo período de escravidão. [...] A elite política e intelectual acreditava que a mistura racial causaria “degeneração” para estes o futuro da nação estaria comprometida pelo fato de houver grande número de “raças inferiores”, para isso, uma eventual saída seria superioridade numérica de brancos para mudar esse quadro. Razão pela qual se permitiu a entrada no Brasil cidadãos europeus e asiáticos como mão-de-obra.

Junto a essa ideia de embranquecer o país, estava também o mito da democracia racial. Conforme apontado por Bernardino (2002, p. 251), “o mito da democracia racial ganhou sua elaboração acadêmica e alcançou o seu clímax por meio de Gilberto Freyre em Sua obra *Casa Grande & Senzala* (1933)”. Contexto em que acreditavam que o Brasil vivia em perfeita harmonia entre seus povos, sendo visto e defendido por alguns como o paraíso da diversidade.

Quanto à democracia racial, Andrews (1997, p. 105-106) observa que:

A democracia racial e seu sombrio lado inferior de racismo aberto e irrefletido permanecem em grande evidência na sociedade brasileira, tanto nas elites quanto nos níveis populares, e continuarão a exercer influência sobre essa sociedade durante algum tempo.

De fato a democracia racial é um assunto ainda defendido nos dias atuais por aqueles que acreditam não existir segregação no Brasil, e que todos são vistos, assistidos e tratados de maneira igual independente de sua cor de pele. Contudo, sabemos que não é isso o que acontece na prática, pois o racismo está presente e visível em diversos espaços e situações, mostrando-se ativo na sociedade, às vezes, praticado de forma velada, em outras explícita.

O portal de notícia g1.com<sup>4</sup> aponta que no ano de 2018 as vítimas por homicídios de pessoas negras eram de 75,7%, um aumento de 37,8 a cada 100 mil habitantes entre 2008 e 2018, um crescimento de 11,5% em dez anos. Por outro

---

<sup>4</sup> Neste link é possível observar todos os dados da pesquisa de forma detalhada. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/08/27/assassinatos-de-negros-aumentam-115percent-em-dez-anos-e-de-nao-negros-caem-129percent-no-mesmo-periodo-diz-atlas-da-violencia.ghtml>>. Acesso em: 03/10/2021

lado o número de assassinatos dos não negros teve uma queda de 12,9% no mesmo período. Esses dados mostram o quanto à desigualdade social ainda é grande e o abismo que existe entre brancos e negros dentro do âmbito social.

O racismo é um crime de ódio praticado contra a população negra. No dia 14 de setembro uma juíza negra foi impedida de entrar em uma loja que fica em um shopping em Fortaleza (CE). Em seu B.O ela diz que foi impedida de entrar na loja por um segurança do local que alegou “questões de segurança<sup>5</sup>”. O caso está sendo investigado. Essa é apenas uma das muitas denúncias por crime de racismo espalhadas pelo mundo. A pessoa negra sofre diariamente com ataques e falas racistas proferidas por terceiros, no trabalho, na rua, em ambientes abertos e fechados. Daí a necessidade de expor cada vez mais essas temáticas para que de alguma forma alcance mais pessoas que possam também refletir e contribuir para fim dessas atitudes de intolerância.

Outro tema de relevância, dentro das questões étnicas, é a Negritude. Enquanto o movimento literário ganhou força na França através de estudantes negros vindos da África, que buscavam o resgate da identidade negra. Segundo Domingues (2004, p. 04), “esse movimento literário a favor da personalidade negra e de denúncia contundente da dominação cultural e da opressão do capitalismo colonialista marcou a fundação da ideologia da negritude no cenário mundial”.

A respeito do que representam as ideais de negritude, Aimé Cesaire (2010, p. 109) pontua que:

A Negritude não é apenas passiva. Ela não é da ordem do esmorecimento e do sofrimento. [...] A Negritude resulta de uma atitude proativa e combativa do espírito. Ela é um despertar; despertar da dignidade. Ela é uma rejeição; rejeição da opressão. Ela é luta, isto é, luta contra a desigualdade. Ela é também revolta. [...] contra aquilo que eu chamaria de reducionismo europeu.

Posto isso, a negritude é a busca por uma identidade negra de forma valorativa, onde o negro tenha orgulho e veja de modo positivo sua autoafirmação. Como vimos na citação acima, a negritude é um acordar, é lutar contra toda e qualquer discriminação. Para Domingues (2005, p. 16), “como a libertação do negro passa pela reconquista de si, o movimento da negritude assumirá a cor negada e verá nela traços de beleza”. Desse modo, o ideal da negritude evidencia o negro

---

<sup>5</sup> Neste link é possível ter acesso a mais informações sobre o caso. Disponível em: < <https://www.brasil247.com/regionais/nordeste/policia-investiga-caso-de-racismo-contra-delegada-impedida-de-entrar-em-loja-da-zara-no-ceara>>. Acesso em: 04/10/2021

positivamente perante a sociedade, e este tende a se reconhecer e assumir suas raízes. Conforme aponta Césaire (2010), a negritude é um ato de aceitação da cor, é a consciência de uma cultura, história, ancestralidade, conhecimento e valorização de uma identidade própria.

## **5. RESISTÊNCIA AO BRANQUEAMENTO E A AFIRMAÇÃO DA NEGRITUDE NO CONTO “O TAPETE VOADOR”**

O conto “O Tapete Voador”, de Cristiane Sobral, é uma produção literária contemporânea que nos leva a refletir a cerca de temáticas que estão presentes em nossa sociedade e nos convida a pensar e a procurar entender mais sobre questões como os ideais de negritude, identidade negra, branqueamento e o preconceito racial. Fatores estes que precisam ser muito debatidos para que os negativos sejam combatidos socialmente.

A obra *corpus* deste estudo tem, como protagonista de sua trama, a personagem Bárbara, uma mulher negra, empregada de uma grande empresa e, por ser dedicada, tem um grande prestígio perante a equipe. Estando empolgada para começar uma pós-graduação, resolve escrever solicitando o apoio da empresa. Certo dia, Bárbara é convocada pelo presidente para uma reunião, o que a deixou muito animada, confiante de que poderia ser promovida e ter um salário melhor.

A apresentação de Bárbara revela uma mulher que estudou e conquistou uma formação, constituindo, pois, em um aspecto que contribuiu para afirmação de sua identidade de mulher negra. Assim, “estava trabalhando e conseguindo ótimos resultados. Era estimada pela equipe, tudo estava caminhando para o êxito”. (SOBRAL, 2016, p. 07).

Outro aspecto que encontramos na narrativa em questão e que somou nesta afirmação do feminino negro está ligado ao cuidado com sua aparência, uma vez que declara que “era vaidosa, experimentava ao máximo as possibilidades de seu cabelo afro, com presilhas, turbantes, prendedores, faixas, enfim, tudo que pudesse iluminar e exaltar a sua identidade” (SOBRAL, 2016, p. 07-08). A descrição empoderada de Bárbara corresponde a uma mulher bem resolvida com sua identidade afrodescendente. Quanto a essa especificidade, Santana (2019, p. 165) destaca que “o cabelo negro tem sido um importante instrumento de

empoderamento das populações negras espalhadas mundo a fora, pois além de afirmar uma identidade que se quer política, descentraliza os discursos de representação hegemônicos da branquitude”. O cuidado que Bárbara tinha com a aparência não somente demonstrava sua vaidade estética, também evidencia e valorizava os padrões estéticos de sua etnia, resultando em representatividade e empoderamento.

Sobre a convocação do presidente, para que comparecesse à presidência da empresa, tratou de falar que com muito esforço entendeu o que era necessário para crescer naquele ambiente, que precisava alertá-la sobre sua carta pedindo apoio para uma pós-graduação, disse compreender sua vontade de estudar, e que por ser uma mulher negra, havia chegado muito longe, e deveria se orgulhar desse feito. Bárbara ficou confusa não entendendo onde ele queria chegar. Então, este afirma: “o seu *marketing* pessoal, por exemplo. Não me leve a mal, mas já temos bons produtos para minimizar acidentes genéticos desagradáveis, como o cabelo do negro” (SOBRAL, 2016, p. 10). Compreende-se que nas palavras do presidente, Bárbara já havia chegando longe demais para uma mulher de pele negra e que deveria estar agradecida pelo que já havia conquistado, e que para manter-se naquele ambiente deveria mudar alguns aspectos, tanto físico quanto comportamentais.

Fazendo relação com este episódio vivido entre Bárbara e o presidente da empresa, Glória Cá (2018, p. 08) diz que: “teorias de branqueamento sustentaram, como ainda sustentam, relações de dominação sofrida por negros; criou-se padrões hegemônicos induzindo negros a buscar estes padrões”. O presidente era um homem negro que o tempo “branqueou” e agora ele tentava fazer o mesmo com Bárbara. Assim, tentava induzi-la a um padrão de beleza que elegeu as características e modo de viver do branco como sendo o aceitável, o bonito, o ideal.

Essa questão de branqueamento é claramente retratada na obra de Cristiane Sobral por meio do presidente da empresa em que Bárbara trabalhava. Percebemos está afirmativa em uma das falas deste chefe:

A cor não precisa ser um fardo para os mais desenvolvidos. Vou fazer a minha parte, mas prometa que não vai deixar a sua negritude assim tão evidente. É possível sim, sua pele não é tão escura, poderá ser facilmente disfarçada. Você só precisa de alguns esclarecimentos... Tem um futuro brilhante, alvíssimo, sem dúvida. O presidente acendeu um charuto. Fumou em silêncio. Fez uma pausa dramática. Desculpe. Com o passar do tempo

estou tendo alguns “brancos”, cada vez mais frequentes... São instantes de paz. (SOBRAL, 2016, p. 10)

O próprio presidente da empresa, que era um homem negro, renegava sua cor e não se reconhecia como tal. O branqueamento social pelo qual o presidente da multinacional passou o tornou inconsciente de sua raça, de tal modo que chega a comungar de um certo negacionismo em nome do “ser melhor”, segundo ele, “para que insistir em ser negra em um país racista? Quanto menos você declarar sua negritude melhor”. (SOBRAL, 2016, p. 10).

Dito isso, percebemos nitidamente sua “adoção” ao branco como sendo a cor ideal, o que lhe daria passe-livre para a posição ocupada, haja vista que (JÚNIOR, SIMÕES, OLIVEIRA, 2017, p. 139) “é presidente da multinacional, é homem heterossexual e age em nome da força do sistema capitalista embranquecido o qual reforça os paradigmas de dessubjetivação do negro”. O presidente da empresa não somente acreditava como defendia o discurso do branco no sentido de que este tinha uma solução para o racismo existente: o branqueamento, negando sua cor.

A autoimagem negada, devido aos estereótipos atribuídos aos negros, é substituída por um padrão tido como aceitável e possibilitador de um “futuro melhor”: Vejamos o trecho e a idealização de cor:

Veja, por exemplo, o caso de alguns negros bem-sucedidos. A sociedade deu uma oportunidade de crescimento a eles e eles retribuíram, casando com mulheres distintas, brancas, recatadas, exímias donas de casa, puras, com bons genes, para que o futuro seja melhor, sem defeitos de cor. Digo isso por que fiquei sabendo que você tem um namorado negro. Desculpe [...] mas isso é um atraso! Vai levar você para um mundo degradado! O mundo dos alcoólatras, dos vagabundos dos criminosos. Mas eu entendo você. Também já fui negro um dia. Numa fase dolorosa, que procuro esquecer, aliás, pago um ótimo terapeuta alemão, que tem reformulado a minha autoimagem. (SOBRAL, 2006, p. 10, 11)

Claramente estamos diante de uma defesa das teses eugenistas desenvolvidas no século XIX, em que eram propostas ideias que buscavam aperfeiçoar a raça humana. De acordo com (TORRES, 2008, p. 02). “A ciência da eugenia, conhecida como “ciência da boa geração”, foi desenvolvida por Francis Galton, [...] como forma de aperfeiçoamento social”. Mesmo que nos dias atuais não se tenha essas ideias defendidas na ciência, ainda é possível encontrar não somente quem veja, mas quem defenda o branco como padrão de idealização.

Aquele homem (o presidente da empresa) não se reconhecia como negro e tinha pensamentos totalmente distorcidos sobre sua origem, e seu povo. Era alguém

que não fazia questão de defender e reconhecer sua negritude exatamente porque entendia ser o negro uma raça inferior, tal qual o comportamento registra, ao afirmar: “Quem olha pra mim, hoje, nunca vai dizer que sou negro, é digamos, apenas um detalhe biológico. Não sou negro, somos todos iguais, vivemos em uma democracia racial” (SOBRAL, 2006, p. 11). Essa sua negação se sustenta ainda no mito da democracia racial, destacando a sua ascensão profissional como presidente de uma grande multinacional para negar a diversidade racial e o racismo. A compreensão é a de que todos têm oportunidades iguais para vencer na vida bastando apenas o esforço individual, caracterizando o ideal da meritocracia característico de um sistema de hierarquização de sociedades modernas a serviço de uma classe social determinada.

É diante desse contexto marcado pelo discurso de negação e rejeição de uma negritude que Bárbara fazia questão de mostrar, totalmente atônita, o choro era a única coisa que ela conseguia expor naqueles minutos. Assim, “deixou que as lágrimas trouxessem alguns escurecimentos á tona e limpassem as imagens de terror que embaçavam a sua visão. [...] Após aquela sessão de *afropessimismo* e tentativa de lavagem cerebral” (SOBRAL, 2016, p. 11). Com o citado episódio, Bárbara se revela uma mulher consciente de sua identidade negra, assim como do valor de sua cultura, o que a fez sentir severamente os efeitos da discriminação.

Contudo, essa negritude, presente na personagem do conto de Sobral, desperta o sentimento de resistência o que resulta exatamente em sua rejeição a um sistema opressor que determinou um único padrão como sendo válido. Verifica-se isso mediante sua reação quando “levantou decidida, firme em suas certezas”. (SOBRAL, 2016, p. 11). A postura adotada por Bárbara mostra que o conhecimento de sua identidade negra, a valorização de sua cultura ancestral, o reconhecimento de sua negritude colaboraram para que a mesma resistisse às tentações de branqueamento, e de negação de suas origens em nome de um futuro “melhor”.

A escritora Cristiane Sobral, em uma entrevista (2017, p. 254)<sup>6</sup>, afirma: “quem não se afirma não existe”. Afirma-se é exatamente a postura adotada pela jovem Bárbara, ao entender que aquele ambiente não a caberia. De modo que, logo após

---

<sup>6</sup> Entrevista com Cristiane Sobral para “Estudos de literatura brasileira contemporânea”. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/7qKSfnnvMPJqRrTPK73mpRhK/?lang=pt&format=html> <acesso em> 07/08/2021

todo aquele discurso lamentável, levanta-se e responde determinada, segura, e consciente:

Veja Senhor presidente, eu sou negra. Negra! Quando acordo, quando durmo, quando amo, quando trabalho. Eu sou apaixonada por um homem negro e sonho em ter filhos negros um dia, jamais poderia deixar de ser o que sou. [...] Não posso corresponder á expectativa desta empresa. Eu me demito. (SOBRAL, 2016, p. 12).

É mediante a resistência de Bárbara que somos convidados a refletir acerca do quão necessária é a conscientização, aceitação, e afirmação de suas origens. O pedido de demissão vem dar destaque para os próximos passos de Bárbara. Na última passagem do conto registra-se: “foi conquistando oportunidades, desbravando trilhas de afirmação da sua identidade, sempre resistindo ás tentações enganosas do branqueamento. Quando o presidente puxou o seu tapete, Bárbara aprendeu a voar” (SOBRAL, 2016, p. 12).

Nesse sentido, o fechamento do conto enfatiza um processo de caminhada da mulher Bárbara, das lutas diárias, o quanto precisou ser resistente para enfrentar os desafios que surgiam. Temos um foco especial para o seu poder de resistir a tudo que lhe era proposto de forma pretenciosa. Sempre afirmando sua identidade, sua negritude.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste estudo, o interesse fez-se na investigação sobre a representação da resistência da mulher negra perante as tentativas de branqueamento presente na narrativa do conto “O Tapete Voador”. Uma trama que expõe a condição de uma jovem mulher negra vítima de um sistema racista, opressor e negacionista. Sua leitura e discursão nos permitem concluir que a literatura afro-brasileira, ao pautar o protagonismo negro em suas narrativas, possibilita construir um novo olhar para as questões de aceitação e afirmação de uma identidade negra.

Em relação à obra citada, esta afirmação se dá por meio de aspectos que vão fundamentar a resistência da figura feminina que não aceita mais ser negada. Esse não silenciamento é fruto do conhecimento de sua origem, de sua história ancestral, da valorização de suas raízes, e da valorização de sua etnia por meio dos

cuidados com a aparência procurando sempre evidenciar possibilidades de usar seu cabelo conforme os padrões de beleza de sua etnia.

Percebemos, com base no *corpus* desta análise, o quanto é importante para o povo negro ter acesso a informações importantes da história, da cultura, da identidade negra, dentre outras, que lhes deem fundamentos para compreender e resistir aos processos de submissão, medo, negação. A obra de Cristiane Sobral se junta ao acervo da literatura afro-brasileira que se inscreve como uma relevante fonte de leitura e inspiração para as pessoas negras, como também para as não negras, no sentido que possam entender a diversidade étnico-racial, desconstruindo o racismo e práticas preconceituosas, em nome da afirmação de uma identidade positiva do negro conforme ideais de negritude.

Enquanto uma arte que estimula a criatividade e a imaginação, a literatura pode auxiliar na construção de diversos conhecimentos; suas temáticas servem de provocação para que os leitores se sintam estingados a refletir, levantar pautas, debater a partir da experiência do outro narrado e, assim, poder construir novos conceitos.

Esse efeito humanizador (CANDIDO, 2011), dado pelo contato com os personagens em suas tramas, possibilita vivermos dialeticamente questões do mundo ficcional que passam a ter seu referente na vida real. Para além de ser uma leitura de deleite e entretenimento, a literatura tem no caráter e na formação crítica do ser humano.

## 7. REFERÊNCIAS

ANDREWS, G. R. "Democracia racial brasileira 1900-1990: um contraponto americano". In: **Estudos Avançados**; n. 11 (30), 1997.

BERNARDINO, JOAZE. "Ação Afirmativa e a Rediscussão do Mito da Democracia Racial no Brasil". In: **Estudos Afro-Asiáticos**; Ano 24; nº 2, 2002.

BOSI, Alfredo. **Narrativa e Resistência**. Departamento de Letras Clássico e Vernáculos – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. São Paulo. Itinerários. Araraquara; nº10; 1996.

CÁ, Augusto. G. **Teorias de embranquecimento no Brasil: últimas décadas de século XIX e Início do século XX (1870-1930)**. São Francisco do Conde. 2018. Disponível em: [https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1284/1/2018\\_proj\\_gloriac\\_a.pdf](https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1284/1/2018_proj_gloriac_a.pdf) <acesso em> 12/09/2021.

CANDIDO, Antonio. **O Direito à Literatura**. Vários Escritos. 5ª edição. Rio de Janeiro. 2011.

CÉSAIRE, Aimé; MOORE Carlos (org). **Aimé Césaire**: Discurso sobre a Negritude. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

COSTA, S. C. GUIMARÃES, S, P, J. **As Representações Literárias Da Mulher Negra No Brasil Republicano: Uma Análise Das Obras “O Cortiço” e “Ponciá Vicêncio”**. Rio de Janeiro. 2020. Disponível em: <https://www.encontro2020.rj.anpuh.org/resources/anais> <acesso em> 27/08/2021.

DOMINGUES, P. J. “Negros de Almas Brancas? A Ideologia do Branqueamento no Interior da Comunidade Negra em São Paulo, 1915-1930” \*. In: **Estudos Afro-Asiáticos**; Ano 24, nº 3, 2002.

DOMINGUES, Petrônio. “Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica”. **Mediações – Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 10, n.1, jan.-jun. 2005.

DUARTE, A. E. **O negro na literatura brasileira**. Ensaios. Navegações. Porto Alegre V. 6, n. 2, 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/navegacoes/article/view/16787/10936> <acesso em> 25/08/2021.

DUARTE, A. E. “Literatura afro-brasileira: Um conceito em construção”. In: **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**; nº. 31. Brasília, Jan-Jun. 2008.

EVARISTO, Conceição. **Gênero e etnia: uma escre (vivência) de dupla face**. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). Mulheres no mundo. Etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Ed. Universitária; Ideia, 2005.

FARIAS, Ruberlandia Araújo de. “Mulheres negras das letras: reflexões sobre a produção literária feminina negra no nordeste brasileiro”. **Revista Educação Pública**; v. 21, nº 7, 2 de março de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/7/mulheres-negras-das-letras-reflexoes-sobre-a-producao-literaria-feminina-negra-no-nordeste-brasileiro>. <Acesso em> 28/08/21.

GOMES, L. N. **Educação e Identidade Negra**. UFMG. Aletria: Revista de Estudos de Literatura. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/17912> <acesso em> 27/07/2021.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Editora: DP&A; 10ª edição. Rio de Janeiro; 2005.

JACOME, Mirele Carolina Werneque. PAGOTO, Cristian. “Cultura patriarcal e representação da mulher na literatura”. **Revista do Centro de Educação e Letra da Unioeste**, v. II, nº I, 1º semestres de 2009. Foz do Iguaçu.

JÚNIOR, B. U. S. P. SIMÕES, M. P.S. G. OLIVEIRA. “Gênero, Feminismo, Poder e Resistência na Contística de Autoria Negra Feminina”. *Revista Territórios & Fronteiras*; Cuiabá, vol. 10, nº. 2, 2017.

LOBO, Luiza. **Crítica Sem Juízo**. Editora: Garamond. 2ª ed. Rio De Janeiro. 2007.

MENEGHEL, N. Stela. FARINA, Olga. RAMÃO. R. Silvia. “Histórias de resistência de mulheres Histórias de resistência de mulheres negras”. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, 13(3): 320; Set-Dez/2005.

MIRANDA, N. K. “Mulher negra, trabalho e resistência: escravizadas, libertas e profissões no século XIX”. **Epígrafe**. v.7, n.7, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/epigrafe/article/view/141487>. <Acesso em> 12/09/ 2021.

MIZAEEL, Náide C. de Oliveira. Gonçalves, Luciana R. Dias. “Construção da Identidade Negra na sala de aula: passando por bruxa negra e de preto fudido a pretinho no poder”. **Revista Eletrônica da Pós-Graduação em Educação**. UFG – Regional Jatai. V. 11, nº 2, 2015.

OLIVEIRA, F. D. **A negritude viva em Terra negra de Cristiane Sobral**. Revista Crioula - nº 23 - A experiência étnico-racial nas literaturas de Língua Portuguesa. 1º semestre/2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/156571/15494> <acesso em> 12/09/2021.

OLIVEIRA, E. B. D.; RODRIGUES, G. M. **As concepções de memória na Ciência da Informação no Brasil**. Salvador, v.03, nº03, 2009. Disponível em: [www.pontodeacesso.ici.ufba.br](http://www.pontodeacesso.ici.ufba.br) < acesso em > 23/07/2021.

PROENÇA FILHO, D. “A trajetória do negro na literatura brasileira”. In: Estudos Avançados. Professor emérito, titular de Literatura Brasileira da Universidade Federal Fluminense, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/mJqCRgkgYfJzbnmfBJVHR9x/?format=pdf&lang=pt> <acesso em> 25/08/2021.

SANTANA, C. A. “Corpo e Música Pontos de Encontro da Negritude Brasileira”. **Revista Tabuleiro de Letras** (PPGEL, Salvador, online), vol.: 13; n. 01, junho de 2019.

SOBRAL, Cristiane. **O Tapete Voador**. Rio de Janeiro: Editora: Malê, 2016.

SOUZA, Taise, C. S. P. “Escrita feminina negra: contribuições para os estudos literários, feministas e de gênero”. **Revista Línguas & Letras** – Unioeste – Vol. 15 – Nº 30 – 2014.

TORRES, Lilian de Lucca. **Reflexões sobre raça e eugenia no Brasil a partir do documentário "Homo sapiens 1900" de Peter Cohen**. Ponto Urbe. Revista do

núcleo de antropologia urbana da USP. 2 | 2008 Ponto Urbe 2. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1914> <acesso em> 06/08/2021.

VIANA, L. R. C. N. **A Literatura No Ambiente Escolar: Os Nove Pentes D'áfrica Na Integração De Identidades.** Guarabira, 2020. Disponível em: <http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/3698#preview-link0> <acesso em> 04/10/2021.

## AGRADECIMENTOS

À professora Dr<sup>a</sup> Maria Suely da Costa pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

Ao meu pai Manoel Soares de Oliveira, a minha mãe Ilsa Maria de Lima Oliveira, meu avô Antônio André de Lima, meus irmãos Manaisa e Leonilson, minhas primas Dalécia e Danila, minha amiga Tatiane, aos membros de minha família de modo geral, pela compreensão por minha ausência nas reuniões familiares.

À minha avó Maria do Carmo de Oliveira (in memoriam), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força.

Aos funcionários da UEPB, Parte da limpeza e parte da Coordenação, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

Ao meu Deus por toda força, perseverança, discernimento e capacidade de enxergar sempre motivos de seguir em frente.

A esta instituição UEPB tão imponente eu agradeço pelo ambiente propício à evolução e crescimento, bem como a todas as pessoas que tornam assim tão especial para quem conhece. Tenho este lugar como um segundo lar.